

Texto 7
36 páginas
fita 1/F. 10



ENTREVISTADO: JOÃO BATISTA DE JESUS FELIX
ENTREVISTADOR : LUCIA H.GAMA AZZI
FOTÓGRAFO : MICHAEL R. ALVES DE LIMA
DATA : 26.02.88
LOCAL : D.P.H.

- P- Seu nome inteiro.
- E- João Batista de Jesus Félix

- P- A gente queria que você contasse um pouco da tua ' experiência pessoal desde que você começou a participar do movimento.
- E- Eu comecei a minha militância no movimento estudantil, no movimento secundarista. Eu estava com uns 20 nos, e durante esse período eu estava fazendo cursinho e participei do movimento de reconstrução da UNE, uma participação política estudantil bastante intensa. E anterior a isso, em 1978 o movimento unificado havia se lançado na rua. E eu fui num ato público como uma pessoa comum. E daquele momento eu achei interessante participar do movimento negro , E tinha aquelas idéias que todo mundo tem hoje, que o importante é participar do grupo geral, que o movimento negro é muito dividido e comecei a participar do movimento estudantil, ajudei a formar uma chapa da LIBELU com o apoio socialista. Eu não participava da chapa e no dia que o pessoal estava montandando a chapa eu não fui e o rapaz do MR8 , que se chamava Serginho, fêz uma cobrança dizendo que o pessoal estava discutindo que a chapa devia ter metade homem, metade mulher, e que não estavam levando em consideração o negro. Mas ele fêz aquilo como uma visão crítica, mais para tirar um sarro, porque o pessoal era meio stalinista, e tal. Eu não vi muita importância na cobrança dele, mas no dia da posse da chapa, tinha uns 15 diretores, 8 homens e 7 mulheres, e qual não foi minha surpresa: eram todos brancos na chapa. Aí eu levantei, fiz uma cobrança, fiz



uma colocação que não era correto aquilo, que tinha negro secundarista e tal, e o pessoal levantou, me aplaudiu e existiam vários negros da Convergência / da LIBELU E QUE ELES deviam não sô pensar na ques- tão social geral mas que existia uma questão a parte que era nossa, que eu não entendia como a juventude levarã tão avante a luta pela liberdade da mulher e não conseguia ver a luta específica também do negro. E aí o pessoal disse que dava todo o apoio, que ia organizar o movimento e tal, marcaram uma reunião dos negros secundaristas num cursinho que não existe mais, o cursinho da Poli, nenhum de les apareceram, nôs marcamos três reuniões seguidas, eles não apareceram. E de repente, disso me pintou que além de haver a necessidade do movimento, no meio estudantil não haveria nenhum apoio para levar a questão social. Se eu quisesse levar a questão social eu teria que procurar o movimento negr-. O primeiro movimento que eu procurei foi o grupo negro da PUC. Fui, participei do I Encontro Estadual em Defesa da Raça Negra na PUC em 1980. Depois desse encontro, eu já conhecia um colega meu da PUC, o Zê Preto. Ele me convidou, eu participei durante um ano. E durante esse ano, a gente começou a ver algumas coisas. A gente não concordava o jeito que estava organizando o grupo da PUC, umas questões extremas. A princípio era sô estudantes da PUC e eu não havia estudado na PUC. Eu o Zê Preto éramos os dois únicos não estudantes da PUC. Aí, em cima disso a gente achou que era importante que o negro participasse, que a gente não esquecesse a questão geral, mas a questão específica tinha que ser colocada cada vez mais e por militantes negros. Eu estava assentando o movimento negro unificado no final de 81. Houve o I Congresso em 82 e aí a gente vem de 82 para cá numa militância 6 anos no movimento negro unificado. Passei um ano



fora e passei todos os outros anos militando dentro do movimento e nessa luta a gente passa a notar que é muito complicado você levar a questão racial no Brasil. Porque a minha opinião os militantes de esquerda, não agora, a Sociedade Brasileira cobra do negro uma coisa, como se fosse ele o culpado dele ser discriminado. Além de nós sermos culpados de sermos discriminados, nós somos racistas, o negro primeiro tem que provar que aceita o branco, para depois ele apoiar o branco, para receber o mínimo, quer dizer, migalhas. Isto é uma coisa muito dura numa sociedade. Acho que o movimento negro vai ter radicalizar essa questão, porque se o governo brasileiro tem uma política de hipocrisia a nós negros, principalmente nesse ano, de 1988, 100 anos da dita abolição, que o governo não fez absolutamente nada para recuperar e ou dar oportunidade para a população negra se inserir na sociedade brasileira. Ele não fez e muito menos nenhum outro setor que pintou dentro da sociedade propondo mudanças levou em consideração a população negra. É pelo que eu tenho notado o último movimento de massa do movimento negro foi até 1920 com a frente negra. De lá para cá o movimento negro passou a ter uma posição um pouco mais geral, ver a sociedade como um todo, tentar se inserir, tentar participar da mudança da sociedade brasileira como um todo e ao meu ver para nós termos essa posição bastante avançada, nós estamos sendo colocados muito para trás dentro da sociedade brasileira. Quer dizer, todos os movimentos que houveram no Brasil, o Brasil é um país que tem toda a sua construção, desde a invasão do europeu aqui, e com a conquista e o extermínio dos habitantes anteriores à invasão portuguesa. O Brasil é um



país que prima por somente a classe dominante poder gerir a sociedade. Quer dizer, a sociedade veio de capitânias passa a governos gerais, vem a escravidão e após 400 anosvem, passa de colônia a país independente somente com a classe dominante dirigindo essa questão. Passa de Império a República sem a participação da massa trabalhadora. Termina com a escravidão sem os escravos participarem do processo, sem eles entenderem o que estava acontecendo, foram colocados à margem da sociedade. Vem os movimentos de 30, tem o golpe de 64, tem a Nova República, quer dizer é sempre um movimento dos setores dominantes. A classe dominante sempre tenta separar suas crises, entende, supera e não muda nada. Apenas doura a pílula e a massa consegue sempre ser colocada a parte. Encima disso a gente nota que mesmo os setores ditos de esquerda no Brasil e essa é uma posição não só minha mas do movimento negro, é um movimento bastante colonizado. Ele entende uma revolução socialista pela visão soviética. Mas ele não consegue pegar uma experiência soviética, cubana e as outras experiências posteriores a essas, a China mesmo e trazer para a realidade brasileira. O Brasil é um país que tem uma população extremamente grande de negros que hoje ninguém sabe se é maioria ou minoria. As pessoas, para ser negro no Brasil é uma coisa bastante complicada, quer dizer, eu, quantas e quantas vezes, me chamo de moreninho, mulatinho, jambinho. Até hoje eu estou usando uma camiseta: "Eu sou negro", tal, por que não é possível: se eu não sou negro, não existe negro na sociedade brasileira. O próprio movimento negro tem uma postura de qualquer pessoa que tem um descendente negro na família é considerado negro. Nós consideramos negro porque ele é tão discriminado quanto é um filho de negro com negro. O



4

Brasil é um país que todos os negros que se ascen-
dem, eles casam com brancas ou todas as negras que
se ascendem casam com brancos. E todos brancos que
conseguem uma fama casam com brancos. Quer dizer
nós negros estamos fora dessa totalmente, ninguém
consegue analisar essa coisa de forma um tanto
quanto de uma relação social. Tem uma questão po-
lítica nisso aí. Porque é que o negro quando ele
chega a assumir uma certa posição na sociedade bra-
sileira ele ao invés de procurar um seu igual, ele
procura casar com branco, sendo que o próprio movi-
mento negro é contra a política desenvolvida pelo
governo brasileiro de embranquecimento, tudo que é
negro é ruim. Tive uma experiência o ano passado
no ano escola de samba, pegar um dicionário do MEC
e nós começamos a procurar a palavra negro e esta-
va lá: tenebroso, desgraçado, terrível; e depois
denegrir, negrume, tudo que é negro ou adjetivo de
negro é desgraça total. A última coisa que tinha
no meio é que era descendente de africano. Nessa
sociedade toda e a minha convivência disso tudo me
fez ver que eu tinha que começar a me dedicar, não
a pensar na sociedade como um todo e sim eu teria
que, mesmo tendo uma consciência da questão geral
eu tinha que me voltar para mim mesmo, eu tinha
que procurar uma identidade. Eu teria que me radi-
calizar, teria às vezes até que passar por uma pes-
soa radical, na visão de muitas pessoas; ^{RACISTA} consta.
Eu não concordo com o termo. Eu não concordo porque
se o trabalhador luta pelos seus direitos, ele
não está explorando seu patrão; se uma mulher luta
contra o machismo, ela não está sendo machista, ao
contrário, ou qualquer oprimido lutando contra sua
situação de opressão ele não está sendo um opressor
ao contrário do opressor e quanto mais você luta
contra uma opressão, maior é a força do opressor
para manter você na situação de oprimido. E a socie



dade brasileira hoje, eu sou um militante do Partido dos Trabalhadores, tenho críticas assim terríveis ao PT, porque o PT pode pensar assim 300 coisas, mas na questão racial ele é um partido como outro qualquer. Ele não avançou nem tanto contra o PMDB, o PC, nem contra o PDS, nós temos hoje uma pessoa como o Brizzola, que é uma pessoa inteligente, que é o máximo que eu posso dizer de le, que sacou que dentro da sociedade brasileira existe um setor bastante grande, que eu tenho consciência disso, que hoje no Brasil, existe um ódio racial latente, esse ódio racial está escondido, está encoberto, é só você ver o que foi a vitória da Vila Izabel esse ano. Eu fui fazer uma pesquisa nas Escolas de Samba de São Paulo, eles vão 90% dizer: está certo, eles foram buscar aqueles negros da África, aquela Comissão de Frente são de negros. São saiu negrão, um ou dois brancos perdidos, a Mangueira ainda não tinha que ganhar, tinha muito branco, quer dizer, isso é uma crise que eles falam para nós, que somos a identificação deles, que somos os militantes. Infelizmente o militante negro, daqui a pouco, eu até falo disso, está bastante desligado dessa massa negra, que ainda hoje, o que não faz com que exista esse ódio, que se aflora na sociedade brasileira é que grande parte do militante negro é uma pessoa que estudou, leu bastante livro, ele começa a tomar consciência do significado das relações sociais, as relações econômicas, entende um pouco o que é dialética, o papel da religião e chega uma boa parte, quase 80% são universitários e é um fato triste nesse Brasil. O negro quando passa a estudar, ele perde totalmente a sua identificação. Ele passa a achar que ir a uma Escola de Samba é uma ofensa, ele passa a achar que ir a um candomblé rebaixa, ele passa a achar que ir numa capoeira ele vai ser considerado bandido. E é



80

muito gozado, que hoje tem o samba do Geraldo...., que diz hoje o negro não está no candomblê, o branco entrou. São Paulo, hoje, 90% ou 70% dos pais-de-santo são brancos. Na capoeira idem. Nas Escolas de Samba é só vocês pegarem só tem Nenê de Vila Matilde, Camisa Verde e Branco e Vai-Vai com presidentes negros. Mas infelizmente o negro militante que passou a ter consciência da sua situação, ele ao invés de acreditar na mudança da sociedade, de investir nessa mudança. Por exemplo eu gostaria de ver essa mudança não só para meu filho viver melhor, mas que eu possa pelo menos morrer numa sociedade que tenha uma relação humana um pouco mais igualitária, na realidade do termo. Eu acho que a Sociedade Brasileira ela tem que ser, ela tem que refletir a sua realidade. O negro tanto pode ser burgues, explorar seus empregados, como pode ser uma pessoa classe média. Nós precisamos ter essa relação de igualdade. A gente precisa se ver na televisão. O que nós do movimento negro sempre levantamos, foi uma das primeiras bandeiras do movimento, quando eu comecei a atuar, era : nós também consumimos, nós também tomamos banho, nós escovamos os dentes, lavamos o cabelo, compramos roupa, sapato, televisão. Só que a gente não se vê comprando essas coisas. Quando você liga a televisão quem vai mandar você comprar é uma pessoa branca, e às vezes o cara caem numa casa assim: às vezes eles vão fazer propaganda de um sabão em pó, de um eletrodoméstico, a patroa é branca e de fundo aparece uma negra lavando. Quer dizer, umas coisas que irritam. Nas próprias novelas brasileiras, uma coisa que o movimento negro sempre bateu, sempre cobrando da Rede Globo, depois que a gente ganhou o apoio da Zezé Mota e do Zózimo Bulbul, a Rede Globo começou a entender, quer dizer a entender não, a aceitar porque começou a sofrer pressão dos próprios atores



negros e a Zezé Mota já foi militante ativa do movimento negro unificado, era que o negro na televisão, nas novelas não tinha família, quer dizer, era uma pessoa que aparecia, ele podia ser às vezes, até engenheiro, arquiteto, psicólogo, mas ele não tinha esposa, ele não tinha pai, ele não tinha mães, não tinha primo, ele não tinha nada, ele aparência e ficava ali como um ser que surgiu do nada, da união dos átomos. Enquanto todos os outros personagens tinham pai, irmão, filho, vinham para casa, chegando em chegando em casa tinham toda aquela família para se relacionar e isso é uma das coisas que a gente entende, porque é muito duro para a televisão brasileira cobrar, um negro casado com uma negra dentro de uma novela, porque você colocar isso é mostrar que isso é possível, que isso não está mudando absolutamente nada, você está mostrando que o negro não está sendo racista, que o negro está apenas se gostando, que ele não está se vendo no opressor, que ele não está usando o opressor para seu espelho que é o que a sociedade brasileira faz na sua totalidade. Informações que a gente tem por exemplo, a Revista Manchete se recusou em 1984 mais ou menos ou em 1983, quando o Djavan lançou o disco Lilás, se recusou a tirar uma foto da família do Djavan, porque a esposa dele era negra e ele queria sair com ela e os filhos e a Manchete propôs que ele saísse com a empresária que era loira e ele se recusou. E meses depois a Manchete coloca Pelé e Xuxa como o casal do ano. Sabe, essas coisas, são umas coisas que vão passando e não são divulgadas, não são colocadas porque colocar isso ofende, machuca, é traumático. A mudança racial no Brasil não vai ser uma coisa de todo o mundo se amando, se beijando, como toda mudança social verídica, real é traumática. É ódio se afluando, algumas pessoas tentando controlar esse ódio. Você vai ter que conscientizar a sociedade brasileira é você



passar a contara real estória dos negros nas escolas, que é outraluta que a gente tem: que é a mudança do currículo escolar. Parar com esse negócio que o negro veio da África e aqui ficou 300 anos bonzinho como escravo e de repente pintou a Princesa Izabel, uma santa, coitada, boazinha e que resolveu acabar com a escravidão, quer dizer, o negro não participou, não lutou; nós temos o Quilombo dos Palmares, o Quilombo do Jabaquara, Revolta dos Maleiros, temos Balaiada, nós temos várias revoltas, todas as revoltas populares que houveram no Brasil, houve participação dos negros, dos negros escravos, dos não libertos, mas nada disso é contado nas escolas. A escola brasileira é uma escola que procura acabar com a psicologia da criança negra. E essa psicologia que ela acaba com a criança negra é aquilo que a gente anda lutando até hoje. A maioria do negro quando ele chega no movimento negro, ele chega de repente ele sacou que ele discriminado na sociedade porque ele estudou bastante, quis arrumar um emprego e não deram o emprego porque ele era negro, qual não foi a surpresa que um elemento que tinha menos capacidade que ele ganhou o lugar porque era branco. Ele queria entrar num bar, não conseguiu porque não deixaram. A polícia parou ele a noite, levou, espancou, etc... 90% dos militantes negros que vem para o movimento negro, chegam porque tiveram um choque: De repente a sociedade deu um estalo e disse você é negro, você é inferior, você não serve, mas anteriormente ele vivia num país maravilhoso, de democracia racial, bastava ele estudar que ele seria bom, que bastava ele casar com alguém mais claro que ele, que melhoraria a desgraça dele ser preto, o cabelo ficaria mais escorrido, etc... De repente ele percebe que não é isso, que tudo aquilo que contaram para ele do Brasil



era mentira. Hoje, no movimento do qual eu faço parte, como você disse no começo: a juventude negra, a meu ver, é um movimento que ele precisa se achar novamente. O movimento negro precisa retomar a sua consciência, nós estamos lançando o Comitê Popular de questionamento ao Centenário que é um comitê que a gente está colocando gente da CUT, CGT, PT, PC, PCB, todas as entidades de movimentos feministas, movimentos populares, a vir participarem com a gente. Para começarmos a questionar essa falácia, essa mentira que é a abolição da escravatura. Ao mesmo tempo com esse comitê a gente vai querer levantar questão do Apartheid, porque está muito complicado a gente viver num país onde o governo brasileiro detem um dos melhores discursos na ONU, assina todo e qualquer moção de condenação ao Apartheid. O Brasil na ONU, é um país revolucionário em questão ao Apartheid e aqui dentro nós temos embaixador, consulados, Revistas, a Folha de São Paulo lançou ante-ontem uma matéria de um filme contra o Apartheid e no final da matéria tinha uma propaganda de turismo na África do Sul em Joannesburg. E hoje a gente pega, não vi os jornais de hoje, mas a gente o que o governo racista da África do Sul está fazendo: está proibindo todas as entidades políticas dentro da África do Sul, que luta contra o Apartheid, continuando um massacre que vai desde 1948 que é uma coisa bastante irônica. 1948 são 3 anos após a Guerra, fim do nazismo, que era política da raça superior e qual não é a nossa surpresa, hoje, que a partir daí a África do Sul passa a se consolidar com o apoio de Israel, de Inglaterra, dos Estados Unidos, esses são os países que efetivamente apoiam, a França tem uma política meia divergente, por causa do governo socialista que tem lá dentro, e o Brasil permite o comércio exterior com a África do Sul,



que lutadores vão lutar na África do Sul, permite que revistas façam propaganda e jornais: Manchete Folha, Isto é, Veja, que façam propaganda de turismo na África do Sul. Também o Brasil, permite que tenha uma revista Panorama que é emitida pela Embaixada da África do Sul, aqui diz mil maravilhas daquele país. Filmes como Essa louca, louca gente, produção da África do Sul passando até na televisão brasileira e o próprio movimento negro não consegue perceber que é uma coisa muito séria porque o movimento de esquerda brasileiro, ele luta pela libertação, como o movimento negro apoia de El Salvador. A gente luta pela consolidação do governo da Nicarágua; já se posicionaram pelo menos uma certa parte, os troktistas, a favor da Pôlônia, se posicionaram pela consolidação de qualquer luta de sociedade no mundo inteiro. E quando passa na África do Sul, eu vou dizer uma palavra que conta, mas que é um fato real que por serem negros não merecem atenção, tanta dedicação, e o negócio é fazer o que a gente sempre faz, quando fazer um ato público, uma passeata, uma manifestação, as pessoas vem, batem nas costas e dizem estamos com vocês, apoiamos vocês e mais nada, e não embora, A UNE um dia pegou 20 folhas de um abaixo-assinado e desapareceu e quando nós fomos cobrar, disse que a gente não tinha que cobrar não, que era uma sacanagem, onde já se viu, que sumiu, que aconteceu e ninguém fez nada. Nunca tomaram a menor atitude coerente, séria contra o governo Sarney, contra o governo Figueiredo, contra o governo Geisel. Durante o governo Geisel, o governo brasileiro sofreu grandes pressões dos Estados Unidos e do governo da África do Sul para assinar o Tratado do Atlântico Sul que era uma reunião Argentina-Brasil-Uruguaí e África do Sul e o governo brasileiro foi o único que disse não, de todas aquelas ditaduras militares, mas disse não,



8

sem nenhuma pressão da sociedade brasileira, um negócio muito estranho. A política do pragmatismo do governo Geisel, ao mesmo tempo que ele não assina o Tratado do Atlântico Sul ele vende armas, faz acordos culturais, quer dizer: viver no Brasil hoje em dia, como negro é viver numa contradição absurda. É você viver sabendo que todos os seres humanos são iguais, mas que a sociedade divide, que a sociedade nos trata diferente e que infelizmente num certo setor aceita essa diferença porque traz vantagens para si, ou não traz. / E o próprio negro, o negro militante acabou uma parte indo para o PMDB e vergonhosamente se vendeu para esse Partido, faz acordos que eu digo que é vender a sua população na base de liquidação, fez um acordo nojento, escroto que é o conselho da Participação para o desenvolvimento da Comunidade Negra, que eu não entendo como é que o movimento diz que nós somos maioria da sociedade e ainda nós trata, se auto trata como comunidade. Existe comunidade judaica, comunidade nipônica, comunidade italiana, mas eu não consigo entender, porque se existe comunidade negra, existe comunidade branca e então não existe população no Brasil. O pessoal fez um acordo, esse conselho não faz absolutamente nada, apesar desse conselho ter vindo como uma conquista do movimento negro, da pressão que a gente colocou, ter vindo de repente de 1978 para cá nós que passamos a denunciar a violência policial contra o elemento negro, passamos a denunciar o desemprego da população negra, que hoje o próprio IBGE assume isso, assume que o negro na mesma função ganha menos que o elemento branco, que 70% da população negra ganha menos que 2 salários mínimos enquanto que somente 30 ou 20% da população branca é assim, assume que só 3% de negros ganham acima de 20 salários mínimos enquanto isso

6



6

passa para branco é de 20 para cima. Mulher negra que ganha mais de 20 salários mínimos e 0,5 ou 170. O negro é discriminado, a mulher negra é um pouco mais além de discriminada, além de todo machismo da sociedade, o racismo da sociedade, ela sofre até o racismo de nós mesmos, elementos negros. Aí de repente veio o movimento negro e começou a colocar a hipocrisia e começou a denunciar, da bonequinha do café no meio da rua. Estava o governador, o prefeito, os generais, todos no palanque no Pais-sandú, o movimento negro chegou em 1979 e abriu uma faixa: dia 13 de maio, dia nacional de denúncia contra o racismo; Brasil não há democracia racial; somos discriminados; deram um texto para o antigo Penteado já falecido, para o Penteado ler. Era um texto de denúncia, de luta, falando que nós não devíamos festejar o 13 de maio. Impusemos o dia 20 de novembro, 20 de novembro é uma data de luta que o movimento chegou e colocou como o Dia Nacional da Consciência Negra que é o dia que o negro deve festejar sua luta pela liberdade, sua consciência. Criamos aqui em São Paulo o FECNEZU que é o Festival Comunitário Negro Zumbi, que o ano passado fez 10 anos. Quer dizer, de repente isso tudo faz com que não fosse mais possível o governo brasileiro manter aquela fachada de Brasil - democracia racial, que negro tinha o seu espaço na sociedade. E aí quando a gente pensa que a gente estava efetivamente avançando na luta, vem um certo pessoal que pensa única e exclusivamente nele como pessoa, que quer o seu avanço político, infelizmente comendo a migalha do pão que cai da mesa do senhor, faz acordo com o governo, aonde um negro vai como secretário, aonde todos os jornais falaram que era consciente e eu digo ele era secretário porque ele era negro, porque ele não entendia nada de questão de terra e era um secretário de questão



agrária. Ele não separava um pepino, de uma abobri-
nha, de uma melancia e era mais incompetente que o
Delfim que pelo menos ele entendia de economia, que
nem isso ele entendia: Foi exonerado do cargo. De-
ram-lhe uma secretária que é uma vergonha, uma se-
cretaria que não existe, não tem verba, a secreta-
ria da comunidade de não sei o que de movimentos po-
pulares e não tem verba, não tem dotação nenhuma e
ficam lá meia dúzia de pessoas. É um negócio vergo-
nhoso. As pessoas do conselho idem, fazem um acordo
pra calar a boca da sociedade, para evitar que den-
tro do governo do PMDB hoje um estouro da população
negra e aonde o governo não teria controle não sabe-
ria o que fazer. Passam a armar o governo de argu-
mentos contra a população, a população negra que
eles representam a ponto, a fim de ter um trabalhinho,
um servicinho um pouquinho melhor, ser um pou-
quinho mais remunerado ao invés de ganhar 3 salários
mínimos, ganha 5 ou 6. Quer dizer, esse não é o mo-
vimento negro que eu quero. O movimento negro que
eu quero é um movimento que conscientize a população
negra como um todo para uma mudança total da socie-
dade brasileira. Que faça com que o trabalhador ne-
gro lute contra a sua discriminação no trabalho,
mas também não esqueça sua condição de trabalhador
como um todo. Quer dizer, nós não queremos que o ne-
gro saia de trabalhador super explorado para traba-
lhador adulado, até porque isso é uma utopia besta,
não vai acontecer nunca. A gente vai ter que mudar
efetivamente a sociedade como um todo. Agora eu não
vou ficar esperando que venha a redenção da socieda-
de socialista pra que nós negros possamos conquis-
tar um espaço na sociedade, porque hoje 20 anos de-
pois da Revolução Cubana, Fidel assume que não foi
resolvida a questão racial em Cuba. Isso, eu também
não estou querendo no Brasil: passar 20 anos sendo
considerado reacionário porque vou levantar a ques-
tão racial e aí chegar depois de 20 anos sendo con-



siderado reacionário porque vou levantar a questão racial e aí chegar depois de 20 anos, morrer, virar pobre e dizer que estava certo quando eu estava vivo, quer dizer isso não ! A nossa participação vai ter que ser totalitária, de como um todo mas não esquecendo jamais de que dentro disso tudo nós somos explorados, muito mais só porque nós temos a pele um pouco mais de melanina.

- Batista, eu queria que você contasse em que momento surgiu o MNU, se foi de uma ruptura com o Conselho, quando foi isso? Queríamos um pouco o histórico do MNU

- O Movimento Negro Unificado, ele surge em 1978, mas a sua discussão começa em 1977. É uma discussão, é naquela época que a Sociedade brasileira estava debaixo da ditadura militar mesmo, que o Presidente Geisel vinha falando na tal abertura, abertura que não abria nada. E que toda a sociedade, os estudantes vão para a rua para fazer os questionamentos deles, e não conseguem conquistar seu espaço. E o pessoal do jornal Versus, dentre eles o Hamilton Cardoso e Adão e mais umas pessoas resolvem começar uma discussão num grupo chamado Afro-Latino e discutir a questão racial dentro da sociedade de classe. E eles começaram a achar interessante que não adiantava pensar somente em mudar a sociedade brasileira, se não levasse em consideração a questão racial. Esse pessoal do afro-latino lança um jornal, quer dizer um nº especial que propõe um movimento negro unificado contra a discriminação racial, que era o MNU CDR. E esse MNU CDR tinha uma proposta de unir todas as entidades do movimento negro que existisse, tanto de direita, de esquerda, de centro, cultural, artística, esportiva, qualquer atividade educacional, estudantil, proporcionaria dentro desse movimento que levaria a luta como um todo. Ele seria uma grande frente do movimento negro. Aí co



meça a ver uma discussão. Aí sentou-se na mesa em presários negros, trabalhadores negros, estudantes, várias pessoas, pessoal da esquerda brasileira, e foi-se fazendo reuniões para se formar o movimento negro unificado. Depois de várias discussões é formado o movimento negro, dia 18 de julho de 1978. Aí começou-se a discutir como lançar o movimento para a sociedade. Naquela época não era permitido fazer manifestação pública. Para você fazer uma manifestação pública, você tinha que pedir permissão no DOPS, apresentar documento dizendo o que você ia fazer, obviamente se ele dissesse não, ele cercar o espaço e tal. E em 1977, os estudantes tentaram várias vezes fazer uma manifestação de rua e foram reprimidos violentamente, em cenas que não me saem da cabeça, debaixo do Viaduto do Chá, e tal. Os próprios trabalhadores de São Bernardo tentaram fazer manifestações, tentativas de greve, etc, altamente reprimidas. Então nessa luta toda junta o movimento negro unificado tentando ir para a rua. Em maio, anteriormente ao MNU, houve a morte do Robinson Vieira da Luz, que foi um trabalhador negro, preso pela polícia, torturado e morreu em função da tortura que sofreu. Ele saiu da delegacia chegou no hospital na hora do socorro, ele estava com o rim esmagado e os testículos. Morreu poucas horas depois. Isso foi manchete para tudo que é lado o MNU, se posicionou em matéria de documentos e tal e surge uma discriminação no Clube Tietê. Dentro dessa discriminação: uns mini jogadores de voley do Tietê negros, que foram discriminados por entrarem na frente. O pessoal aí resolveu fazer uma manifestação de rua. Agora vem até uma coisa meio folclórica: como é que o MNU conseguiu ir para a rua naquela época. Acontece que o MNU tinha várias posições, mas o que você conseguia dividir era o pessoal de direita e o pessoal de esquerda. Então estava o pessoal



de esquerda: vamos para a rua, vamos conquistar, vamos para o pau, não interessa, se a polícia chegar a gente encara. E o pessoal de direita não! Vamos com calma, vamos pedir. Depois de uma noite de discussão, uma noite mesmo, se chegar a conclusão de que vamos pedir para ir. Vamos arriscar! Se eles disserem não a gente vai na marra. Então uma pessoa que representava o bloco da direita, Antonio Leite, fez um documento e foi no DOPS pedir permissão para o Grupo Negro ir a rua. E o folclore está aí! a hora que ele apresentou a petição, eu não me lembro o nome do delegado, mas o delegado disse não. Só que tinha um General do II Exército na sala que reviu, pegou a petição e disse: não, que é isso, deixa esses pretinhos irem para a rua, eles são inofensivos. Eles não vão mudar a sociedade em nada. Eles querem uma coisa só para eles. Deu o mínimo de importância e liberou a praça. Foi um negócio muito tenso: você fazer uma manifestação em frente ao Mappin, no Teatro Municipal, com 400 pessoas cercado de viatura policial, militar e civil. O movimento foi a rua e aí quem tomou a frente foi a postura de esquerda. Aí falou a convergência, o PC, o PC do B e várias entidades que naquela época eram consideradas poscritas tiveram direito a fala. Falou o Movimento estudantil, falou o movimento judeus. Foi um negócio muito amplo. E de lá para frente ninguém ficou sabendo que o movimento negro conquistou a pé, pediu para ir a Praça. Passou para todo mundo que a gente havia feito uma conquista. Que a gente havia chegado lá e feito o ato no peito, porque eles viram todo aquele aparato policial. O negócio saiu no Times, etc... Todo mundo pela informação de achar que o movimento negro tinha feito uma manifestação no peito, começou arrombar. Todo mundo começou a ir para a rua, ato prá cá, ato prá lá e a crise se abriu. O movimento negro unificado veio nesse crescendo:



uma proposta, logo no começo, a proposta inicial já gorou. Houve uma posição no Movimento Negro que era representada pelo CECAM, que é uma compa_nheira Lúcia e Isidoro (um dos proprietários da EBOH), eles não foram a favor da questão do movi_mento. Eu até hoje não consegui entender porque eles foram tão contra o Movimento Negro Unifica_do, então o CECAM não entrou, e depois do Move_mento Negro ter ido a rua, foi feito um congres_so. Começou o MNU, com Minas, Rio, São Paulo e Bahia, quer dizer o MNU começou sem uma proposta mais ampla, de ser um movimento nacional com uma proposta única. No 1º Congresso do MNU que houve no Rio de Janeiro, numa discussão maluca que hou_ve, com o "contra a discriminação racial". Quer dizer ficou só o "Movimento Negro Unificado". Em fim encima de n propostas, numa discussão muito maluca de porque não CDR e porque sim MNU, caiu o MNUCDR. Aí o MNU começa a ter uma atuação que começou a se conflitar dentro de si. Havia o pes_soa_l de direita, havia o pessoal de esquerda. O MNU tinha que ser para desenvolver a sua propos_ta, ele tinha que ser uma verdadeira frente: todos os movimentos teriam liberdade de atuar: os de direita atuariam pelo lado direito, os de esquerda pelo esquerdo e a hora que houvesse uma discriminação que todos sofressem, todos se unis_sem e começaria uma manifestação. Começaram a achar que era possível que a esquerda e a direi_ta tivessem uma mesma política dentro da nossa sociedade e que essa política pudesse ser única como um todo. Obviamente a hora que começou a de_venvolver uma política única para o MNU começou a haver o racha dentro do pessoal da direita e da esquerda. O pessoal que apoiava o governo PDS, mas que tinha consciência da discriminação racial e o pessoal que era contra tudo isso aí. Então dentro dessa discussão, a coisa começou se



aflorar algumas pessoas tentaram ainda superar essa discussão. Fizeram uma direção nacional onde tinha 50% de direita e 50% de esquerda. Só que mesmo assim a coisa começou com muito choque. O governo tomava uma atitude, o MNU queria se posicionar, as outras pessoas achavam que não tinha cabimento, que aquela atitude não tinha nada a ver com a discriminação racial, que era uma atitude geral e o outro pessoal achava que sim. Aí numa discussão em Campinas-SP, numa Assembleia Estadual em 1980 o Movimento Negro Paulista resolve radicalizar, quer dizer São Paulo foi o que propôs o MNU e que sempre deu a linha política a nível nacional. Aí há uma radicalização do pessoal de esquerda, total e na discussão de escolher a direção estadual e nacional, começou a se aprovar todas as propostas da esquerda e o pessoal de direita contestando, achando que não tinha nada a ver. Eles achando que a direita tinha que engolir a política do MNU, goela abaixo. E na hora de dividir resolveram tirar a direita da direção, aí o pessoal rachou de vez. O MNU perdeu vários setores, passou a ficar somente um certo grupo que defendia uma proposta, uma certa ideologia. Aí a gente pode dizer que o MNU é um dos vários grupos da sociedade brasileira. Agora ele é o grupo que tem o nome mais forte. Isso eu posso dizer como membro. Todo mundo quando hoje ouve dizer Movimento Negro Unificado, já logo... É o que tem a proposta mais séria, mas não é mais o único a nível nacional. Hoje você tem e a União e Consciência Negra que é um grupo ligado a Igreja, você tem a Pastoral já se formando. O MNU já perdeu a hegemonia nacional, passou por crises terríveis. Nesses 10 anos, esse ano o MNU faz 10 anos, a gente está fazendo várias análises, várias críticas, auto-críticas da atuação do MNU durante todo esse tempo. E uma das coisas



que a gente chegou a conclusão é que a gente se preocupou muito com a questão política-ideológica pensando num dado poder que a gente não tinha e não temos, passamos a ver o movimento.

LADO B

O MNU passou não a perder sua identidade, mas a se afastar cada vez mais da população que ele diz representar, a população negra começou a se elogiar, passou a ser um movimento de discussão estratosférica. E a grande discussão do MNU é que ele passou cada vez mais a ser um movimento de esquerda. Ele passou a ser de esquerda na sua totalidade: marxista, leninista, troktista, quer dizer começou a se fechar politicamente. E a população negra não seguiu esse caminho: essa feição do MNU a população negra continuou seu dia-a-dia. Ela sofreu influência do MNU? Sim, porque no começo o MNU ele teve sua atuação nas Escolas de Samba, no Candomblé. Ele deixou a sua marca mas ele se afastou. Começou a pegar altos quadros tirar da sociedade e colocar no seu interior para fazer discussões cada vez mais escolásticas, cada vez mais intelectuais, fora de uma realidade, pra ir se fechando no nível de hoje a gente ser São Paulo, Rio Gde do Sul, Rio, Minas, Bahia, Pernambuco, Goiás e Brasília, 7 estados e o Distrito Federal no MNU e você não ter o quadro de militância tão grande. Quer dizer ele cresceu geograficamente mas não cresceu socialmente. Politicamente a gente pode dizer que sim: muitos documentos, Ze zé Motta foi militante que se você perguntar de repente por ela, ela vai dizer que é militante do MNU. Mas ela não frequenta mais reuniões, quer dizizer, ela concorda com toda a política do MNU. O MNU tem um documento, que é o programa de ação que discute terra, desemprego, questão salarial, moradia, internacional, ditadura, quer dizer faz



uma análise geral da sociedade. A gente fez esse documento em 1982 e que hoje não perdeu ainda sua validade. Mas ele não expressa sua força na sociedade como um todo. A gente está fazendo uma análise hoje que se você quer fazer efetivamente um movimento negro de massa você tem que ir aonde a massa está. Hoje ela está na periferia, hoje ela está nas fábricas, nas escolas de samba mesmo, no candomblé, numa capoeira, nos bailes aonde está a juventude ; aonde o movimento negro não está. Ele está indo nas Universidades: eu já estou com o saco cheio de dar palestras em Universidades. Vai em Escola, estamos começando agora a ir em Escolas Municipais, mas antes a gente ia só em Universidades, estamos indo em Sindicatos agora, mas não estamos organizando essa população. Nós estamos numa sociedade em que o Maluf, o Gallup na época do Maluf, fez uma pesquisa que a população negra até o ano 2000 seria maioria em São Paulo, a ponto de eleger o governador do Estado. Aí eles acharam que eles tinham que conter o crescimento desta população, quer dizer o dito controle da natalidade da população negra. O movimento negro não fez nada contra isso. Hoje, nós tivemos Maluf candidato a governador e negros apoiando e dizendo que negro tinha que votar no Maluf, quer dizer, eu sou contra o Maluf, além da questão de direita dele, é que é um racista contumaz. Maluf pra mim é paredão. Não tem outra solução. É um racista da pior estirpe no Brasil. Você tem assim a população negra vivendo cada vez mais nas favelas, sendo assassinada, esterminada, acabaram com a Rota nominalmente, mas não acabaram com o policiamento na periferia. E o policiamento da periferia, a polícia militar em si, é extremamente racista, ela é educada para ver um negro como suspeito, até que prove o contrário. E a prova em contrário é a carteira profissional registrada, como se no Brasil existisse pleno



emprego. Como se você não pudesse ser desempregado, você é um vagabundo contumaz. Não interessa o que o cara é. E no Brasil, a gente faz muita analogia, a carteira profissional para o negro é igual ao passe na África do Sul. O negro não apresentou a carteira ele vai para a delegacia, assina uma ocorrência de vadiagem, se em 3 meses ele não arrumar emprego ele pega 3 ou 4 meses de cadeia por vadiagem. Eu nem posso dizer o que eu já sofri de discriminação da polícia. Estou morando num prédio aí, que já fiquei preso só porque outro dia eu respondi para uma polícia. Essa população que está na periferia está querendo que pinte um movimento que de a ela um alento que é possível viver numa sociedade diferente. Agora, nós não vamos chegar lá como os grandes redentores, os grandes salvadores da pátria, os negrinhos bonzinhos, inteligentes, que vão salvar, porque a gente chegou em 1978 tres negros: o trio: Adalberto Camargo (federal), Teodosina (estadual) e Paulo Rui para vereador e os tres estão no PDS, os tres vendidos descaradamente. Você vai na periferia hoje, o negro está revoltado com a sua situação, mas ele não tem coragem de votar no negro. O que estes fizeram, foi uma desgraça total. Agora eu acho que é possível superar, mas encima de trabalho, coisa que o MNU, hoje, ele não vem fazendo. Existem discussões do movimento no seu interior, da necessidade disto. O MNU, tem que atingir todo o negro, a princípio da capital, depois do estado, depois do país inteiro. Na Bahia, onde existe hoje um secretário negro que todo mundo conhece, Gilberto Gil que está se candidatando a prefeito da capital o MNU é fraco. Quando você tem o Yle-a-ê, o OLODUM, que faz cursos de história da arte negra no Brasil. Homenageou Madagascar, Egito, Angola que foi homenageado pelo Malê de balle. Tem aqueles grupos afros da Bahia que tem total consciência da questão racial e hoje a minha posição diferenciando do movimento negro, pra mim, não existe a situação de conscientizar um negro da sua condição de negro nem de oprimido,



mas não só o negro até o branco hoje tem consciência. Tem e até tenta disfarçar: ah! mas não são só vocês que são discriminados, existe uma questão de classe também. Ah ! Eu também sou discriminado porque sou japonês, eu sou mulher, eu sou careca, mas existe na sociedade brasileira, a consciência de que o negro é discriminado, ele é explorado. Procuram dourar o troço: vocês são, mas não são só vocês. Antes nós nem eramos. Hoje pelo menos já dizem que nós somos. Vocês pegam as escolas de samba, todas esse ano, não só esse ano, Nenê já saiu de Palmares-Raízes da Liberdade, a Peruche, é o 2º enredo consecutivo que fala da questão racial, você pega o Camisa Verde, já saiu com «Negro Maravilhoso, você pega o Mocidade Alegre já saiu com Malê, Baloguns na avenida. Hoje quando a Aguias de Ouro homenageou Sargentelli, que ao nosso ver é um café-tão da mulher negra, num ano que Leci Brandão faz uma música dizendo mulata nunca foi profissão, mulher negra bonita não é negra mulata, para a sociedade racista, eles vem e homenageam o Sargentelli, todas as outras escolas torciam para a Aguias de Ouro cair, achavam que era uma imbecilidade, homenagear Sargentelli, além de ser 1988 na visão deles, era um cara que nada contribuiu para a população negra. A própria Vai-Vai que tem um medo terrível de sair com um tema afro, pra disfarçar homenageou Jorge Amado. Hoje a sociedade brasileira como um todo reconhece que existe discriminação. Negro tem total consciência que ele é explorado, que a situação dele é insuportável, de que tem que mudar. Ele está revoltado Na periferia você vai perguntar para ele: Ele diz o Brasil é racista mesmo. Às vezes ele não consegue elaborar o discurso que eu tenho, de anos e anos de prática. Mas ele está revoltado com a situação. Agora o movimento negro não consegue captar isso para si. Então você tem um governo como o Quêrcia, que é um governo oportunista, que está visando ser presidente do Brasil e contavam para ele: o Brizzola

Samba

6



colocou 3 negros na secretaria e demitiu uma por incompetência, não vou entrar no mérito da questão, vai ver ele botou 3 para isso: demitir uma e ainda ficar com 2, Mas o Brizzola é inteligente. É um populista muito inteligente. E o que o Quêrcia faz, mantém um negro no seu secretariado como um mero fantoche, para ele poder dizer: ele nunca foi racista, veja aqui, esse foi o meu secretário negro, eu tive um secretário negro, eu tenho uma secretária mulher. Quer dizer com discurso que não tem nada a ver. E nós estamos querendo isso. A posição do movimento não é tentar defender os interesses da população negra de classe média, mas nós queremos também que defenda a classe média e principalmente a classe trabalhadora negra que é a maioria da população. Então o movimento negro hoje tem uma proposta, está se discutindo. Ele está mais popular, e o popular é entrar em choque com o governo. Nós temos consciência, pelo menos o setor que pensa como eu, no movimento negro também tem algumas visões nessa proposta de mudança, que você discutir essa questão racial é você entrar em choque com o governo e com a própria sociedade brasileira. A sociedade não vai aceitar essa coisa, você ter o negro igual ao branco, é você ter o negro disputando com o branco o mercado de trabalho. É você ter o negro disputando lugar na faculdade e essa coisa não vai ser dada, vai ser conquistada. E conquistada a base de luta, não sangrenta, não que eu tenha alguma coisa contra revoluções sangrentas. Acho que a questão racial não tem que ser. Acho que a mudança racial tem que ser traumática, onde pessoas vão dizer: eu sempre fui contra o negro e o negro quer hoje me explorar também. É o caso do negro ser chefe, o cara vai ter que ter, entender que ele teve condições, teve mais tempo de serviço, nós vamos errar, cometer acertos, nós vamos fazer tudo que está todo mundo fazendo. O fato real é que o negro hoje na sociedade não é culpado da dívida externa, não é culpado da inflação. Nós



não estamos no Governo federal, nós nunca participamos desse governo. São 400 anos que o negro nunca foi ministro, nunca foi secretário, nunca foi nada. Se o Brasil está onde está, ele não deve nada ao negro, mas não é nós que vamos salvar também. Isso é um fato real. Se nós não participamos do afundamento da coisa, não é nós que vamos salvar. Há muitos caras aí que defendem: vamos botar o negro aí para bobagem o negro vai entrar aí, para levar pau ser criticado, não adianta, não dá para mudar esse governo com essa ideologia que está aí. Então é mais ou menos isso aí.

- 7
- E - Nós gostaríamos que você falasse como é a relação do movimento negro com os sindicatos, com o movimento estudantil? Existe uma necessidade de atrair, de entrar nesses outros setores?
- 6
- B - Olha, essa relação é a seguinte: o movimento negro ele tem sempre apoiado a luta do movimento estudantil, tem sempre apoiado a luta dos sindicalistas, dos sindicatos. Hoje a gente tem algum apoio nessa área na CUT, a gente já tem alguns militantes negros da direção da CGT. Eu acho que na questão racial que uma dessas posições é a melhor, que não é. Nenhum desses partidos detem uma posição um pouco mais avançada, é tudo nivelado por baixo, que hoje discute essa questão, essa aproximação. Existe diferenças tipo da CGT, alguns militantes negros da direção da CGT, decidiram criar o departamento negro da CGT. Enquanto na CUT eles acham melhor criar um grupo negro que discute a necessidade para depois criar um departamento sei lá. Enfim, está a nível de discussão. Tem alguns sindicatos que tem uma posição avançada, assim, quando o movimento pede alguma coisa eles dão. Uma posição paternalista. Mas na verdade, eu vou te falar a minha posição: o movimento negro tem sido um tanto que traído por essas posições. AO mesmo tempo que a gente tem que uma posição tri avançada na frente deles, nós temos que apoiar em na-



6

todas as lutas deles, a nossa, eles não tem que apoiar em nada. O máximo que eles fazem é dar um tapinha na costas, publicar um documento, participar de um ato público e mais nada! Eles acham que isso é suficiente, que eles já cumpriram a cota deles. O movimento estudantil é pior ainda: o negro consciente acaba se afastando do movimento estudantil, ele acha que ele não tem que participar porque ele não se identifica dentro do movimento. O não-consciente participa como um ser sem cor quando no máximo branco, mas como nao é branco é sem cor e não leva nenhuma questão. Eles não se posicionam, se amanhã ou depois massacrarem o negro na África do Sul, o máximo que eles fazem é fazer uma manifestaçãozinha. Eu já participei, já fui discutir durante 3 anos do Conselho Nacional dos Cine-clubes, E lá a gente conseguiu avançar bastante na questão racial. E lá tá hoje outro pessoal. Eles acham que não há necessidade de se o movimento negro chamar: Olha, nós queremos fazer um ato público dia 21 de março. O dia 21 de março é o dia internacional pela eliminação da discriminação da raça. É o movimento idêntico ao dia internacional da mulher. Esse movimento surgiu por causa do massacre de Chapperville na África do Sul, onde numa manifestação pacífica a polícia sul-africana matou mais de 60 pessoas e feriu mais de 200, entre homens mulheres e crianças desarmadas ou então armadas com pedaço de pau e pedra para se defenderem. Então a ONU criou esse dia. E nunca houve uma manifestação em São Paulo em relação a esse dia. A gente vai tentar fazer esse ano. Tem o dia 9 de agosto, que é o dia internacional da solidariedade a mulher sul-africana. Tem o dia 11 de outubro, o dia de solidariedade ao preso político da África do Sul e nunca aconteceu nada nessas datas. E 13 de maio é de dia nacional de denuncia contra o racismo para todo movimento negro. Hoje nem o pessoal do samba, camdomblê, capoeira, fala da abolição da escravatura. E esses sindi



catos colocam nos seus boltins, abolição da escrava-
tura, quer dizer é uma questão política, eles dize-
rem isso. Hoje o máximo que eles estão fazendo é no
dia 20 de novembro fazer palestras, debates. Em no-
vembro os militantes negros não param. São convida-
dos para tudo que é canto das palestras. Essa relação
vai ter que se intensificar. Vai ter que haver uma
simbiose, onde a gente dá e recebe, onde não tem
que haver interrupções. O negro tem que apoiar o tra-
balhador porque ele é trabalhador na essência do
Brasil. Pouquíssimos empresários, quase nada, não dá
nem para conhecer negro que é empresário. E o sindi-
cato tem que definir sua base. Ele tem que ver que
90% da sua base é negra e é explorada porque é negro.
Para vocês terem uma idéia quando a gente coloca is-
so: outro dia eu estava discutindo com um companhei-
ro de sindicato e ele diz que ele estava começando a
entender porque um dia eles foram fazer uma reunião
numa fábrica, para levantar as necessidades do traba-
lhador, o que eles deveriam colocar na pauta de rei-
vindicações da categoria e começaram a colocar: salá-
rio, hora extra, direito a ir no banheiro, etc... de
repente tinha uma companheira levantou e falou nós
mulheres queríamos que passe a ter modess nas fábri-
cas. E todos os caras caíram de rir, morreram de rir
os líderes sindicais. E aí teve um que disse: Porque?
meio que tirando sarro da cara dela. E aí ela disse:
porque às vezes tem muitas companheiras que estão
trabalhando na linha e vem a menstruação e elas não
estão preparadas e aí essa companheira, passa vexame
não sei o que. E aí os caras se tocaram e colocaram
na pauta e tal. Qual não foi surpresa quando chega-
ram na fábrica e foram recebidos com o maior apoio
das mulheres, apoio que nunca tinham tido antes,
porque colocaram na pauta uma coisa que dizia res-
peito a elas. Qdo na verdade nós precisamos começar
a discutir as firmas que explicitamente não aceitam
negros. Existe um grupo na Secretaria de Relações



de Trabalho, que discute a discriminação no trabalho. E eles tem listas, eles tiveram encontro de psicólogos que trabalham em departamento pessoal. Os psicólogos contaram as técnicas que eles tinham de não aceitar negro. Colocar um risquinho, uma bo linha. Eles colocavam certos símbolos nos p^ápeis que iam para as pessoas que iam fazer a seleção, de modo que eles já sabiam que o cara era negro e então não era para contratar. Eles diziam que não suportavam mais aquilo. Os psicólogos diziam pra gente, que estavam cansados de tanta pressão, que aquilo era um absurdo, etc... Esse grupo, não sei porque acabou não avançando nisso, mas o Movimento Negro tem consciência disso. Nós temos várias empresas que não aceitam negros, tipo: Banespa, que nunca tem uma moça Banespa negra. É um negócio muito explícito. O negro não serve para receber o público, ele serve só para trabalhar no depósito, no porão, mas não para atender e receber público. Negro não serve para escriturário essas coisas já estão explícitas. E os sindicatos precisam perceber que isso não é uma luta só nossa. É problema do sindicato discutir a discriminação na relação de trabalho. É o DIESE fazer pesquisas e provar que o negro exercendo a mesma função de um branco ele recebe menos, e a mulher negra recebe menos ainda, se a mulher recebe menos que o homem, veja a relação que loucura, se o homem negro recebe menos, tanto o homem quanto a mulher. A mulher recebe menos que o homem. A mulher negra recebe menos que a mulher branca. Quer dizer ela está no fundo do poço, abaixo dela só a desgraça total. Essas coisas a gente tem que começar efetivamente a discutir et tem que ter o apoio, e é até bom que tenha, senão a gente vai chegar que nem a Frente Negra que já chegou a ter 200.000 filiados em 1930 e que começou a ter uma discussão muito grande, a Frente passou a ser um partido por causa disso, com



equivócos, mas era um partido. E os sindicatos não perceberam e o movimento estudantil nem cobre, é mais atrasado ainda. Quando eu digo movimento estudantil eu estou dizendo universitário, não estou nem falando do secundarista. O movimento estudantil, ele é muito elitista, nesta parte, ele chega às raízes do reacionarismo. o movimento estudantil há muito tempo perdeu o seu sentido, a seriedade deles, eu vejo muito pouco, mas na pouca seriedade deles, se você falar de negro para eles é o mesmo que está falando de ETE. A maioria é filhos ou de pequeno burgues, filhos de classe média que tem uma empregada doméstica e o relacionamento deles, com a empregada dever ser horrível. São pessoas que vivem numa seriedade reacionária, racista e na custa desse racismo. Eu não vejo grande importância para o movimento negro conquistar um espaço no movimento estudantil. Eu acho que o movimento estudantil que tome consciência e perceba a questão da discriminação racial na sociedade e venha a nós. Agora o movimento sindical já é uma crise mais seria. Trabalha em um setor muito mais importante da sociedade.

- P - Você disse que na Formação do Movimento Negro Unificado teve um grupo que ficou de fora. Quem era esse grupo? era de São Paulo?
- E - Sim, era de São Paulo. CECAN era o Centro de Cultura e Arte Negra. É meio complicado porque apesar de eu conhecer as duas pessoas eu não consigo definir direito o que era essa entidade. O CECAN era uma entidade cultural e artística, eles faziam mostras de arte negra, faziam apresentações culturais e políticas. Eles tinham sede, um movimento bastante sério, mais que era mais voltado para uma questão cultural da população negra. era um trabalho muito importante! com o surgimento do Movimento Negro Unificado e o CECAN esteve numa crise, e não sei talvez seria melhor falar com as próprias pessoas, o CECAN perde a sede e deixa de existir. O CECAN não existe há uns 7 anos. Mas na época o CECAN tinha um peso muito grande. O não deles abalou a unidade do Movimento Negro Unificado, na verdade ele cobria uma parte dessa posição do Movimento de aglutinar. Como ele trabalhava com uma crise cultural, qualque



6
pessoa que trabalhava com cultura participava do CECAN, talvez isso tenha levado o CECAN a ficar contra a formação do Movimento Negro Unificado. O CECAN não deixa de existir por causa do Movimento Negro Unificado ele deixa de existir por causa de uma crise interna, de não ter condições de sustentar uma sede, a sua própria estrutura. A própria proposta começou a perder a sua pujança. A cultura pela cultura e não ter algo além, começou a perder o seu sentido. Houve um afastamento das pessoas e aí deixa de existir.

P - Uma outra coisa: todas as vezes que a gente escuta falar no Movimento Negro Unificado nos outros depoimentos, parece que há uma certa identidade: o Movimento Negro Unificado é igual ao PT no conselho, eu senti que havia uma crise entre o PT e o PDT e no Movimento Negro Unificado você disse que houve um racha. e realmente isso?

6
E - Existe negros do PT que não são do MNU. Mas o fato e o seguinte: o MNU na sua posição cada vez mais de esquerda, ele tem uma situação que é barra de enfrentar. Ele passou a se identificar efetivamente com o PT em São Paulo, até 1984 no Rio, depois não, em Minas e talvez em Pernambuco. Mas na Bahia ele começou a se aproximar muito do PT e do PC do B. Você tem muitos militantes do PC do B, que Salvador é considerada a Albânia Brasileira no MNU e do PT. E no Rio o PDT não está no MNU, o MNU lá está apartidário. O que aconteceu aqui em São Paulo foi o seguinte: no racha uma parte mais à esquerda (o pessoal do antigo Versus) é que passou assumir a proposta do PT. E umas outras pessoas que não participavam do movimento tipo Helio Santos, e que tinham uma certa relação com o governo, com o governo não, com o PMDB passaram a ter uma certa atuação e começaram a conquistar um espaço dentro do Partido em virtude do que o MNU fazia. Então passou haver uma aproximação, uma aglutinação de Petistas dentro do MNU e começaram a radicalizar e um pessoal que não queria participar do MNU



porque eram um grupo de esquerda, quer dizer o MNU é o único que tem uma postura de esquerda definida, é o único que fala em revolução. não vou dizer que é um movimento marxista, mas as pessoas estão próximas de uma postura, marxista, leninista, trokistas, etc... E as pessoas que não concordava com o MNU para o PMDB e formaram uma coisa chamada FRENAP - Frente Negra de Oposição Política que teve vida efêmera. Eles tinham uma proposta de contra-atacar o MNU através do PMDB, porque não tinham condições de criar um movimento independente, usando o PMDB e acusando MNU de petista. Então acusavam o MNU para se defenderem de estar no PMDB. Hoje os negros, do PMDB, não é porque eu estou fora, estão totalmente rachados, o PMDB é um saco de gatos. Cada negro pensa de um jeito. Tem uns trezentos grupos negros dentro do PMDB. Para vocês terem uma idéia o Quercia de morou mais de 4 meses para escolher o conselho porque ele tinha mais de cem nomes de conselheiros e de presidente de conselho ele tinha quatro. E daí eu sabia, eu sentia que a coisa era nojenta. dentro do partido eles não se entende. Metade dos negros que estão no PMDB não interessa para mim, na minha opinião que entre no MNU, porque se não estão ajudando ao PMDB, pra que vem atrapalhar o MNU. Outra parte não precisa se esconder nisso que o MNU é petista, intão eles são pemedebista. Agora ao meu ver ser petista é um pouco mais ideológico que ser pemedebista. Mais existe uma outra questão aqui em São Paulo ou PC do B, não tem grupo, já chegou a ter um grupo dentro do MNU e saiu, o PC nunca teve. O PDT em vista do que o Brizola fez no Rio, tentou fazer o movimento negro do PDT, pelo Leite, que está no conselho hoje e que foi no MNU. ele tentou fazer o movimento negro de PDT, mais não vingou, pelo menos até hoje, porque as pessoas estão invertendo uma situação. O MNU se formou como um grupo germinou do PT. E eles não, eles estão querendo dentro do partido criar um movimento negro. E o MNU fez uma diferença. Na minha opinião e na opinião de 80% ou 70% dos membros do MNU; o MNU tem que perder

7) VER ORIGINAL



essa identificação petista. Isso a meu ver, é uma coisa que restringe o movimento. O PT não é um partido que tenha uma proposta excelente ou menos avançada na questão racial. Eu acho uma burrice a gente fechar só encima do PT. E tem pessoas de outros partidos, não acho que deva, uma pessoa de direita hoje não cabe dentro do MNU, mais tem pessoas que são, como dizem, e tão complicado você sabe o que é esquerda nesse Brasil, mais uma pessoa que tenha uma posição um pouco mais avançada como a gente costuma dizer: os progressista, né. Os progressista podem vir ao movimento. O movimento está aberto para essas pessoas. Uma pessoa tem outra coisa no movimento você não me perguntou, mais eu vou até chocar: o branco no movimento negro entra ou não entra. Essa posição já teve. O MNU é contra. A minha posição hoje é que não deve participar. Mais a gente tem que superar essa parte, porque essa pressão é uma pressão que a gente sempre vai sofrer. Umas por sacanagem e outra por interesse mesmo, de participar, de achar que pode colaborar. e o movimento negro ainda não discutiu a questão. O movimento negro é uma coisa assim: MNU. Ele não discutiu ainda um monte de coisa que tem pra ser discutida: a sua relação com o branco como é que se dá, se o branco participa do movimento. se isso ajuda ou não ajuda. A questão da Igreja, a Igreja não está no MNU. O MNU tem uma posição anti-cristã eu tenho uma posição anti-cristã, mas o MNU não tem que ver essa posição. Porque tem pessoas dentro da Igreja de tem muito a contribuir para MNU gresar, que eu acho que a religião do negro teria que ser outra teria que ser o camdomblê, mas não é todo negro que pensa assim. E religião é um negócio muito complicado camdomblê é a religião de uma região da África e não a África toda. A própria posição da Igreja Católica de ser imperialista. Então ela conquista seu adeptos em tudo quanto é canto até na China, Japão, porque ela não vai pegar negros mais a negros católicos que deveriam estar no MNU. Você tem o PDT, PC, PC do B, PMDB, só que MNU se fechou na sua posição, e está caindo numa posição de meio messiânica de achar que ele que tem a resposta de



6

achar que quem estiver fora dele não está com a verdade a verdade assusta e o MNU, etc e tal. Eu acho isso uma bobagem e dentro do MNU tem que rezar a cartilha do PT, e do PT tem que rezar a da CUT. Eu acho que não tem nada ver. Que adianta resolver o problema do negro "cutista", do negro "petista" se os outros negros, que não são na maioria do PT e da CUT, vão ficar discriminado, Então eu acho que o movimento, tem que perder isso. E se o movimento conseguir superar isso, o pessoal do PMDB não vai vir para o MNU esse pessoal, eles meramente vão perder o argumento que o MNU e petista. Vão arranjar um outro argumento. Vão dizer que nós somos radicais. Eles vão criar. Criar flechas contra o adversário é a coisa mais fácil que existe. Ele teria que voltar as origens, voltar a sua proposta inicial além de voltar a base, você disse uma coisa que acho que o próprio militante negro tem que fazer. O militante negro tem que voltar as suas origens. Não é população negra que diz que vai conscientizar. Porque se você for a periferia, aquele negro da periferia é ele o que está sustentando a cultura negra. É ele que está mantendo isso com mil acordos, mil unidades, é ele que está mantendo o samba. Porque se você deixar, e falo como militante, se dependesse do militante negro a existência da cultura negra ela já tinha acabado. se você tivesse feito uma pesquisa: 90% dos militantes negros não vão à escola de samba, não vão a camdomblê, não vão a capoeira, não vão a bailes, se moram na periferia são frequenta o centro. Nunca levam nada de escritor negro, escritor africano. Ele não joga futebol de periferia. Ele não faz absolutamente nada que o negro faz e o negro trouxe. É um cara que curte Mozart, Bach, Ballet, ele conhece Goethe, ele conhece teatro russo. Ele conhece a literatura russa, ele curte rock. Eu não tenho nada contra isso não, mais tudo aquilo que ele disse, porque quando você vai, ele diz o negro é inconsciente e tal, é mentira ele é que tem que se reidentificar. ele tem que saber que sociedade que le está. Agora o MNU tem que voltar como foi a sua proposta inicial. Ele tem



que deixar de ser sectário, eu vou até usar a frase do Lenin, ele tem que deixar o "esquerdismo" dele que está até sendo seu infantilismo as pessoas acreditam religiosamente na CUT, no PT, etc. E pra mim ele tem que uma postura um pouco mais séria em relação a isso. Esquece os outros. Se os outros não tiverem, azar dos outros.

P - Uma outra coisa que eu acho que é interessante para o nosso trabalho. A medida que esse negro está distante disso ele está criando outro espaço que também é dos negros. São que são negros de classe média, intelectualizados

E - Concordo

P - Você sente esse espaço diferente do espaço dos brancos e diferente do espaço da maioria dos negros.

E - Eu concordo que ele está criando, mais eu não concordo que seja algo consciente, quer dizer, o que eu sinto nessa população negra e o que aconteceu com muitos negros africanos que passaram a negar a sua cultura, que se voltaram para a cultura europeia e começaram a produzir da cultura europeia o que já era superado pelos próprios europeus. Em 1900 o negro da África passou a negar a sua cultura, que era rica e avançava, que tinha todas as dialéticas possíveis como qualquer outra cultura e passou a se voltar para o barroco, que já havia sido superado a muito tempo. Depois do barroco ele passou para renascentismo. O que eu sinto no negro classe média é isso: as aspirações do negro classe média hoje são as aspirações da classe do milagre brasileiro: ele quer ter sua TV, à cores ele quer ter uma casa não sei o que, ele quer ter um salário melhor. Ele estava a uma década atrasada, tomara que seja só uma década. Ele não tem aquela visão da Semana de Arte Moderna ou então do tropicalismo, de pegar a cultura europeia e reelaborar aquela cultura para o seu interesse. Não é esse o interesse que esse negro tem. Pintou nun certo tempo isso até morrer Solano Trindade, quando pega uma peça de Shakespeare: Otelo e bota só atores negro. Quando começa a



pegar algumas outras peças além do próprio negro escrever uma peça de teatro, sua, onde ele se via, começaram a fazer uma peça que passou no Teatro Municipal onde eles reverteram tudo. Eles puseram só artistas negros pintados de branco. Era uma crítica: vocês sempre não pintaram o branco de negro, agora nos vamos nos pintar de branco para lhes apresentar. *99* Aí sim, você via uma coisa de pegar aquela cultura que estava reelaboar, fazer aquela autofagia. Só que o pessoal não está fazendo isso. Eles curtem o rock, mais o rock dos anos 60. Eles curtem o Bach, eles não curtem uma música contemporânea, eles estão ainda no tempo antigo eles estão andando de fraque e cartola e estão achando que estão triavançado. E fraque e cartola não é mais uma coisa que mostra status. Então é o caso que está preocupado de andar de terno e gravata, até quando vai numa festa do chopp. Ele está tentando se identificar com o branco, ele não está tentando mudar aquela cultura pra . Deu pra sacar? Se tivesse isso que você tá falando teria uma coisa super avançada.

E - Daí eu queria perguntar a nível de sua vida mesmo. Como é que você sentiu a necessidade de se aproximar do movimento negro?

P - Eu sou de São Paulo: paulista-paulistano do tipo de viver até 13, 14 anos com a mãe separada estudando uma certa parte até 13, 14 fazendo ginásio como outra criança qualquer. Eu sou do bairro do Limão, mas minha mãe era empregada doméstica na época a gente ficava no Ibirapuera e eu estudava lá no Iguatemi, no grupo escolar Aristides de Castro. Então eu fiz até o 4º ano e aí minha mãe volta a morar, aí tem uma coisa muito estranha, minha mãe ficou separada do meu pai até eu fazer 14 anos e com ela, essa convivência com ela foi bastante interessante porque se ela foi uma pessoa que não tinha uma consciência política ela sempre colocava a questão racial não como todas as mães colocavam tipo; você tem que ser melhor que todos porque você é preto, não ela explicava como se deu o descobrimento

NAQUELE
TEMPO



do Brasil não se deu sô pelos portugueses, que tinha os índios aqui antes, que a gente tinha uma luta antecipada que nem contava, mas que eu não via nada disso na escola. Com 14 anos, fazendo assim esse preto maluco, eu tinha uma coisa que aí sem começo uma consciencia quando aos 14 anos eu entro para uma igreja de crentes junto com a minha mãe: A Assembleia de Deus. E durante 4 anos fui crente da Assembleia de Deus. Isso foi interessante: foi a questão da militancia.

FITA 2

- Eu ainda peguei a mais radical a Assembleia que eu acho um bom vestibular para militancia - você aceita qualquer regra aí eu entrei no SENAI e num 13 de maio

NAQUELE
TEMPO
7
0